

## Poesia e reconstrução no percurso discursivo de *Os Sertões*

Léa Costa Santana Dias

Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural na Universidade Estadual de Feira de Santana, sob orientação dos professores Drs. Rubens Edson Alves Pereira e José Carlos Barreto de Santana.

### RESUMO

Desde a publicação em 1902 até os nossos dias, *Os sertões* tem servido de tema para discussões, tanto entre historiadores, geólogos, sociólogos, geógrafos, etc., quanto entre literatos. Entre esses últimos, há inúmeras controvérsias, que podem ser entendidas como uma amostragem dos impasses a que são submetidos os estudiosos das diferentes áreas. O crítico literário Afrânio Coutinho<sup>1</sup> considera o livro como “uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de *A guerra e a paz*, da *Canção de Rolando* e cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*.” Luiz Costa Lima<sup>2</sup>, adotando outra postura, entende-o como obra de ciência e afirma que o literário em Euclides é apenas um “ornamento embelezador ou ressaltante de verdades cientificamente dispostas.” Entre os dois extremos está a maior parte dos críticos, que preferem entendê-lo como um texto de múltiplas inserções, no qual Euclides põe em prática o princípio norteador de sua escrita: o consórcio entre Ciência e Arte. Considerando-se essa última hipótese como a mais adequada para se tentar compreender o percurso discursivo de *Os sertões*, este texto pretende pôr em discussão a idéia do consórcio (que já era parte integrante do pensamento de Euclides antes da escrita de *Os sertões*, e continuou a orientar textos posteriores, sobretudo os escritos amazônicos), evidenciando o caráter inovador de Euclides, em sua aptidão para lidar com a mutualidade de influxos entre discursos aparentemente contraditórios (o literário, o científico e o histórico).

---

<sup>1</sup> Afrânio COUTINHO. “Os sertões”, obra de ficção. In: Euclides da CUNHA. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 2, p. 61.

<sup>2</sup> Luiz Costa LIMA. *Terra ignota: a construção de “Os sertões”*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 204.

## Abstract

Since 1902 publication until nowadays, “Os sertões” has been used as a subject to discussions among historians, geologists, sociologists, geographers, as well as writers among others.

Among the later, there are many controversies, that might be understood as a sample of the obstacles that scholars from different areas undergo. The literary critic Afrânio Coutinho <sup>1</sup> considers the book as a “fiction work, a heroic narrative, a heroic poem in prose”, of the family of “A Guerra e a Paz”, in “Canção de Rolando” which

most illustrious work is the “Ilíada”. Luiz Costa Lima,<sup>2</sup> assuming another stand, he sees the book as a scientific work and he stands that the literary in Euclides da Cunha, is only a “delightful decoration” or an expressive scientific displayed truth.

Between the two extremes we find most part of the critics, that prefer to understand the book as a text of multiple interactions, in which Euclides put into practice the main principle of his writing: the association between Science and Art. Considering this last hypothesis as the most appropriate to try and understand the discursive path of “Os Sertões”, this text intends to put into discussion the association idea (between Science and Art) – that was already part of Euclides’s thought before the writing of “Os Sertões”, and that guides later texts, especially the amazonic writings, putting into evidence Euclides’s innovative style, in his ability to deal with the mutuality of influences among apparently contradictory speeches ( the literary, the scientific and the historic).

---

<sup>1</sup>Coutinho, Afrânio. “Os Sertões”, fiction work. In: Euclides da CUNHA. Obras Completas, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. volume 2, page 61.

<sup>2</sup> Lima, Luiz Costa. Terra Ignota: A construção de “Os Sertões”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. page 204.

Desde a publicação em 1902 até nossos dias, *Os sertões* tem servido de tema para discussões entre historiadores, geólogos, sociólogos, geógrafos, antropólogos, etnógrafos, estudiosos da literatura, etc.. No campo literário, há inúmeras controvérsias sobre a natureza da obra, que podem ser entendidas como uma amostragem dos impasses a que são submetidos os estudiosos das diferentes áreas.

O crítico Afrânio Coutinho considera o livro como “uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de *A guerra e a paz*, da *Canção de Rolando* e cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*” (Coutinho, 1952/1995: 61). Adotando outra postura, o teórico Luiz Costa Lima entende-o como obra de ciência e afirma que o literário em Euclides é apenas um “ornamento embelezador ou ressaltante de verdades cientificamente dispostas” (Lima, 1997: 204). Entre os dois extremos está a maior parte dos críticos, que preferem entendê-lo como um texto de múltiplas inserções, caracterizado pelo consórcio entre Ciência e Arte. Nessa linha, insere-se José Veríssimo que, em 03 de dezembro de 1902, um dia após o lançamento de *Os sertões*, publica no *Correio da Manhã* uma crítica favorável, afirmando que

o livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato com o homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d’alma, comovido até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a Campanha de Canudos (Veríssimo, 1904: 22-3).

Apesar de ter feito essa declaração sob o impacto de uma leitura rápida e superficial, Veríssimo revela sensibilidade para apreender o que, de fato, Euclides se propunha com *Os sertões*, a nível estético: estabelecer, num só texto, a confluência de discursos aparentemente opostos.

No entanto, mesmo reconhecendo o talento de Euclides para o manejo das antinomias, o crítico faz uma ressalva ao texto, condenando-o pela presença de termos técnicos, arcaísmos, expressões obsoletas ou raras, neologismos e infrações à língua e à gramática, responsáveis pela falta de simplicidade na linguagem, considerada como defeito “de quase todos os nossos cientistas que fazem literatura” (p. 23).

Em carta ao crítico, datada de 03 de dezembro de 1902, Euclides agradece o modo como *Os sertões* foram recebidos e aproveita o ensejo para revelar os princípios norteadores de seu projeto de escrita. Discordando do que foi dito quanto ao emprego dos termos técnicos, assegura que eles não trouxeram prejuízo ao texto; pelo contrário, foram recursos plenamente adequados à sua proposta, fundamentada, sobretudo, na idéia de que “o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é (...) a tendência mais elevada do pensamento humano” (Cunha, 1902/1997: 143). Por entender que

o escritor do futuro [seria] forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se [distinguiria] dos estritamente científicos, apenas por uma síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências (p. 144),

Euclides reelabora seus textos sobre a guerra – “A nossa Vendéia”<sup>3</sup>, o *Diário de uma expedição*<sup>4</sup> e a *Caderneta de campo*<sup>5</sup> -, retirando-lhes, talvez, a aridez científica, e lapida-os cuidadosamente, através de constantes revisões e reconstruções, até tomarem a forma definitiva, que dá corpo a *Os sertões*.

Com esse texto, conforme lembra Valentim Facioli (1998), Euclides tem a oportunidade de pôr em prática sua concepção estético-científica, que já constituía um traço significativo de sua fisionomia intelectual há pelo menos dez anos antes da publicação de *Os sertões* e continuou a marcar os textos posteriores, sobretudo os escritos amazônicos. Em 08 de maio de 1892, tomando como pretexto o anúncio da publicação dos livros de poemas dos escritores Júlio César da Silva e Ezequiel Ramos Júnior, Euclides publica no jornal *O Estado de São Paulo*, na sessão “Dia a Dia”, um artigo no qual defende a idéia do consórcio, argumentado que “a ciência (...) define na história as épocas sucessivas de elevação humana” e “que é pela arte, de uma maneira geral, que se pode formar a mais pronta, a mais ampla e a mais segura idéia da superioridade afetiva e mental de um povo” (Cunha, 1995: 672). Anos mais tarde, em seus textos sobre a Amazônia, alguns incorporados, posteriormente, aos livros *Contrastes e confrontos* e *À margem da história*, permanece mantida essa mesma concepção em relação ao consórcio entre ciência e arte.

No entanto, ao se utilizar da ciência em sua narração dos eventos da guerra de Canudos, Euclides não se transforma num simples repetidor de fórmulas, que transformariam sua obra

<sup>3</sup> Artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, nos dias 14 de março e 17 de julho de 1897, nos quais Euclides compara a Guerra de Canudos com a sublevação religioso-monarquista ocorrida na região da Vendéia, na França, em 1793.

<sup>4</sup> Reportagens sobre a guerra publicadas n' *O Estado de São Paulo*.

<sup>5</sup> Anotações sobre a guerra, publicadas em livro após a morte do autor.

num árido romance de teses científicas. Diante da impossibilidade de explicar o fato por meio de um discurso unilateral, o escritor recorre à arte, utilizando “a fantasia” como um meio de insurgência “contra a gravidade da ciência” (Cunha, 1996: 35). Então, escrevendo a partir dessa perspectiva, Euclides funde

consciência crítica e exercício do conhecimento, ao contrário dos acadêmicos posteriores à Belle Époque, que em geral faziam da literatura um mero jogo de estilos, cristalizado em clichês que consagravam a convenção” (Prado, 1993: 26)

e reconstrói a própria idéia de consórcio entre ciência e arte, revelando certos aspectos do evento, silenciados em seus textos jornalísticos.

Através dessa escrita voraz, Euclides rejeita “a história fria, hirta, sem sangue e sem nervos dos relatos impotentes” (Andrade, 1966: 315) e faz a sua própria história, enfocando uma região do país sempre mantida à margem, separada da “civilização” há, pelo menos, três séculos. Inferindo que “a História não iria até ali” (Cunha, 1996: 273), Euclides reconstrói toda uma tradição historiográfica, trazendo ao centro das atenções a “tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, [que aparecia], indecifrável, como uma página truncada e sem número das nossas tradições”, tornando patente aos olhos do país que, diante da “charqueada” ocorrida no sertão, os “civilizados” pouco se avantajavam aos “rudes patricios retardatários” (p. 176): se os conselheiristas possuíam seus rosários e medalhas e prosseguiam, em sua resignação estóica, em busca das delícias do Paraíso; os republicanos “tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efigie do marechal Floriano Peixoto” (p. 224) e lutavam até à morte, saudando a memória de seu herói e líder, “com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática, com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro” (p. 224-5).

Desse modo, o homem de ciências se afasta da *verdade científica* e se aproxima da *veracidade artística*, contradizendo-se, de certo modo, com o posicionamento assumido em sua carta a Veríssimo (Santana, 2001: 111), na qual se diz “convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta” (Cunha, 1902/1997: 144). Só assim tornou-se possível o resgate definitivo da história: destruída pelo fogo em 1897 e, posteriormente, inundada pelas águas do Cocorobó, Canudos ganhou, com *Os sertões*, o direito de emergir das cinzas e dar testemunho de sua existência.

Nesse processo de reconstrução, o narrador articula “um número imenso de vozes estranhas umas às outras, [e], emitindo uma discussão de idéias muitas vezes contraditórias”

(Galvão, 1994: 630), torna a síntese impossível, fazendo das contradições “a verdade do livro” (p. 631). Por meio delas, “as idéias vão e voltam, o argumento que se expõe num dado passo é seguido de seu contrário, logo depois ou centenas de páginas adiante” (p. 631). É assim que, em determinado momento do livro, Euclides admite a supremacia da raça branca sobre as demais e aponta os prejuízos do cruzamento entre os povos, enfatizando que “a mestiçagem extremada é um retrocesso” e que “o mestiço – traço de união entre as raças (...) – é, quase sempre, um desequilibrado” (Cunha, 1996: 61). E logo em seguida, apoiando-se no poder transformador da civilização, faz algumas ressalvas, dizendo que o sertanejo

é um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo (p. 63).

Utilizando-se da *tese do insulamento* como uma justificativa científica, Euclides retira o sertanejo da condição de degenerado, a que estaria estigmatizado pelo fato de ser um mestiço, e *eleva-o* à categoria de retrógrado, pronto a ser incorporado à civilização. Segundo o autor, longe da influência do litoral, o sertanejo teria sofrido a influência de poucas misturas e, portanto, não poderia ter “o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (p. 64). Sendo assim, não se teria degenerado pela “cultura de empréstimo” (p. 63), nem teria sofrido as agruras de uma “adaptação penosíssima a um estádio social superior”, que, inevitavelmente, o teria levado a descambar “para as aberrações e vícios dos meios adiantados” (p. 63). Visto a partir desse prisma, é que o sertanejo poderia deixar de ser entendido como um ser “desgracioso, desengonçado, torto”, para ser considerado, “antes de tudo, um forte” (p. 64).

Em outro momento do texto, o narrador afirma que “não temos unidade de raça” (p. 42) e, páginas adiante, assegura que o sertanejo é “o cerne de uma nacionalidade”, “a rocha viva da nossa raça” (p. 285). Quando contestado por tal “contradição” por Moreira Guimarães, seu ex-colega na Escola Militar, Euclides se defende da crítica, construindo uma elaborada metáfora envolvendo o granito (Santana, 2001: 124):

(...) a nossa formação como a do granito surge de três elementos principais. Entretanto quem ascende por um cerro granítico encontra os mais diversos elementos: aqui a argila pura, do feldspato decomposto, variamente colorida; além a mica fracionada, rebrilhando escassamente sobre o chão; adiante a arena friável, do quartzo triturado; mais longe o bloco *moutonné*, de aparência errática; e por toda a banda a mistura desses mesmos elementos com a adição de outros,

adventícios, formando o incaracterístico solo arável, altamente complexo. Ao fundo, porém, removida a camada superficial, está o núcleo compacto e rijo da pedra (...) (...) Ora o nosso caso é idêntico – desde que sigamos das cidades do litoral para os vilarejos do sertão.

A princípio uma dispersão estonteadora de atributos, que vão de todas as nuances da cor a todos os aspectos do caráter: Não há distinguir-se o brasileiro no intricado misto de brancos, negros e mulatos de todos os sangues e de todos os matizes (...). Mas entranhando-nos na terra vemos os primeiros grupos fixos – o *caipira*, no Sul, e o *tabaréu*, ao Norte – onde já se tornam raros o branco, o negro e o índio puros. A mestiçagem generalizada produz, entretanto, ainda todas as variedades das dosagens díspares do cruzamento. Mas à medida que prosseguimos estas últimas se atenuam.

Vai-se notando maior uniformidade de caracteres físicos e morais. Por fim, a rocha viva – o sertanejo (Cunha, 2001: 506-7).

Todas essas antíteses, paradoxos e oscilações que permeiam o texto representam, “no seu movimento de vaivém, a impossibilidade da inteligência brasileira de entender o fenômeno e de tomar um e um só partido” (Galvão, 1994: 631). O “pensamento oximorótico”, que “não sóorna como expressa a dificuldade real de alcançar uma síntese entre doutrinas contraditórias” (p. 630) é a solução encontrada por Euclides para enquadrar num só texto a complexidade do universo sertanejo. As vozes com as quais dialoga estão a serviço de sua alma de escritor, sempre pronta para fazer revisões constantes, tanto científicas, quanto históricas, em meio às inúmeras contradições do seu discurso.

Apesar de ser um intelectual “envolvido com membros da comunidade científica” e de sempre se ter identificado “como integrante dessa comunidade” (Santana, 2001: 97), Euclides jamais fez *reproduções* de conceitos científicos. Logo no primeiro parágrafo de *Os sertões*, buscando a melhor forma de introdução/expressão do fato a ser narrado, faz uma construção inusitada, afirmando que

o planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior (Cunha, 1996: 9).

José Carlos Barreto de Santana, analisando esse “erro geográfico”, enfatiza que como “o escritor estava a par dos trabalhos que traziam à baila as questões relacionadas com a classificação do planalto brasileiro” (Santana, 2001: 106), não poderia ter cometido tal erro e se, por algum descuido, o tivesse cometido, provavelmente o teria corrigido posteriormente, já que “a preocupação com a correção das edições de *Os sertões* é um dos traços sempre lembrado” de sua personalidade (p. 108). Segundo o estudioso, “Euclides da Cunha, conhecendo (...) trabalhos (...) [que] tratam de questões do planalto brasileiro, e utilizando-os como fonte, (...) e, ainda assim, [nominando] de ‘planalto central’ a unidade que descreve” (p. 108), o faz porque era sua intenção “fundar uma geografia e uma paisagem, baseadas inicialmente no diálogo com os textos preexistentes, que ganham caráter de testemunho do que era conhecido” (p. 109). Essa geografia e paisagem reinventadas, que guardam em si “estreita correspondência com o que será encontrado ao longo do livro, ainda que seja necessário, para isso, criar um conceito que revela ‘sentidos insuspeitados’ (p. 109)”, são os dois pilares nos quais Euclides se apóia para iniciar seu texto “com a descrição de uma região que é conhecida e estudada pela ciência, com as suas terras propícias à vida” (p. 109), e, em seguida, deter-se sobre “um hiato, excepcional e selvagem” (p. 109), “em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras” (Cunha, 1996: 13) e, diante do qual, qualquer observador “estaca surpreendido” (p. 13).

Centrando-se nessa terra ignota “cujas agruras” “nenhum pioneiro da ciência” as suportou em tempo suficiente para a definir, nesse sertão cujas veredas foram trilhadas por cientistas que o percorreram “ferretoados da canícula”, fazendo dele um trecho “sempre evitado” e “desconhecido” (p. 22), Euclides funda uma metáfora que funde três belas imagens - “a do ambiente (a linha se fecha numa cercadura de montanhas); a do grafismo (um parêntese, um hiato); a do recuo ao tempo edênico” (Holanda, 1992: 68): “Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato; era um vácuo. Não existia. Transporte aquele cordão de serras, ninguém mais pecava” (Cunha: 1996, 273). Estendendo essa metáfora ao homem, entendido como um ser amalgamado à terra e, portanto, também participante da natureza do vácuo, do não lugar, da não existência, Euclides se reveste do caráter de um *desbravador* da terra e do homem sertanejos e transforma *Os sertões* num verdadeiro tratado de revelação do Brasil, através do qual é apresentada aos brasileiros a existência de um país dividido, formado por dois brasis antagônicos – um centrado na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e de Minas Gerais; e outro, marginalizado, sem condições de competir em capitais e mão-de-obra com as regiões detentoras do poder político e econômico.

Visando a enfatizar esses conflitos que se desencadeiam no interior do país é que, desde as linhas iniciais do livro, Euclides faz desconstruções científicas. José Carlos Barreto de Santana, desconsiderando a hipótese de um erro de classificação cometido por Euclides, entende que o escritor prefere denominar o espaço que descreve de planalto central para enfatizar a inter-relação entre a terra e o homem, tonando notório que

a natureza prefigura então o embate entre o poder central e os sertanejos. E, assim como não caberia falar que o Brasil lutava contra Canudos, não poderia ser outro que não o central, o planalto que descamba sobre a *terra ignota*, por mais que isto viesse a soar como um “erro geográfico” (Santana, 2001: 109).

Com todos esses desvios conceituais, o “rigor incoercível da verdade” (Cunha, 2001: 510) pretendido por Euclides, de certo modo, é posto em segundo plano, e a mímese representativa, fundada em princípios poiéticos, assume o domínio textual de forma tão plena “que passa a adquirir importância (...) não (...) propriamente o que se narra mas como se narra” (Bernucci, 1995: 107). Talhando o texto como um poema, reinventando imagens, aprimorando e limando frases e, por fim, numa espécie de remissão simbólica ao “verso de ouro parnasiano”, encerrando-o com a frase síntese de sua revisão de valores: “É que ainda não existe um Maudsley<sup>6</sup> para as loucuras e os crimes das nacionalidades” (Cunha, 1996: 293), Euclides fecha o círculo das dúvidas e indagações do homem positivista, confessando sua *incapacidade* para expressar-se “com a só fragilidade da palavra humana” (p. 292). A ciência, convidada a dizer a última palavra, torna-se frágil e emudece: apesar de importantes para a análise e a interpretação do *mundo novo* representado por Canudos, todos os saberes que se interpenetram no livro são postos em xeque e o leitor é conduzido às metáforas, símbolos, silêncios e sugestões de leituras não feitas e de palavras não ditas.

## Referências bibliográficas

---

<sup>6</sup> Henry Maudsley (1835-1918) é um médico alienista inglês, professor de Medicina Legal em Londres e autor de várias obras, entre elas *O crime e a loucura* - bastante conhecida.

- ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de "Os sertões"*. São Paulo: Edart, 1966. 383p.
- BERNUCCI, Leopoldo. Os avatares do Naturalismo. In: Id. *A imitação dos sentidos*; prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1995. 99-109.
- COUTINHO, Afrânio. "Os sertões", obra de ficção. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 2, p. 61-6.
- CUNHA, Euclides da. Correspondência (1890-1909). In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EdUSP, 1997. 456p.
- CUNHA, Euclides da. Dia a Dia. Crônica. In: Id. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 1, p. 671-3.
- CUNHA, Euclides da. Notas à segunda edição. *Os sertões*. 2. ed., São Paulo: Ática, 2001. p. 501-10. (Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão).
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 19.ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 297p.
- FACIOLI, Valentim. Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio). In: BRAIT, Beth (org.). *O sertão e os sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 35-59.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha. In: PIZARRO, Ana. (org.). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, v. 2, p. 615-33.
- HOLANDA, Lourival. O labirinto de entre as letras. In: Id. *Canudos – fato e fábula (uma leitura d'Os sertões de Euclides da Cunha)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, 1992. p. 60-76. (Tese de Doutorado).
- LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota; a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 304 p.
- PRADO, Antônio Arnoni. Ficção e verdade n'Os sertões. In: *Remate de males*. Campinas: Departamento de teoria literária – IEL / UNICAMP, n. 13, p. 25-9, 1993.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo/Feira de Santana: HUCITEC/Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001. 214p.
- VERÍSSIMO, José. Uma história dos sertões e da Campanha de Canudos. In: *Juízos Críticos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. p. 22-32.